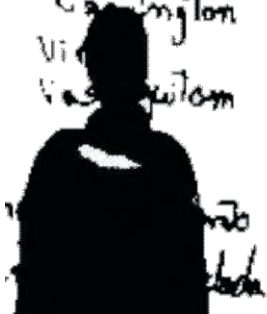


doCRE

onze

J - mas se
Maciza solo
dioma pãtro
Cigira a
mudança do
nome do ma-
rido le acordo
com a po-
nência, e
Washington
Vila
Vas quitom



11 SUPLEMENTO à CRE



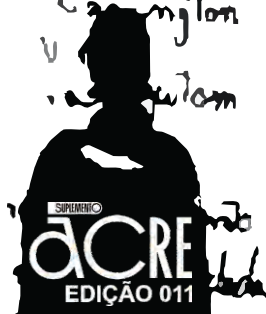
POETA DESESPERADO PROCURA LEITORES...URGENTE

WWW.FACEBOOK.COM/AMEOPOEMA



intervenha-me

Mãe do
dioma pãtro
gira a
mudança do
nome do ma-
rido e acordo
em a po
nunca, r
Lampton
V
a a pãtom



Abrimos um portal muito perigoso

Tantão e os fita

Com um zumbido no ouvido e um feriado prolongado no corpo o dia se acaba e nasce mais uma edição deste suplemento.

Com o coração aberto como porteira de fazenda em dias de dezembro, podemos contar daqui pra frente toda a história que... SEGUIREMOS... Proponho!

Sem medo ou vergonha das ideias que estavam meio pausadas desde o ano em que nascemos e eis que num dia de inquietação eu resolvo por tudo que deixei pelo caminho novamente em movimento... Em sangria.

É bom... É muito bom se sentir sangrando... É muito bom se sentir esvaziando.

Todas as palavras que escrevemos inutilmente em nossos tapetes de entrada de alma, todos os jogos que imploramos por sorte; não servem de nada frente a este sol que se desperta no verão escaldante desta cidade condenada a mar; e pouco importa; hoje, a catapulta do tempo nos jogou em dias modernos; e que se viva...

Que se morda cada pedaço deste fim de estrada...



Que se tenha força pra esta marca dentro da gente nunca desbotar. Que este nosso piripaque nunca tenha cura.

ENJOY

SEJA BEM VINDO DE NOVO!

>>>Com todo meu carinho: Rômulo Ferreira>>>

SUPLEMENTO ACRE
011 - nov, dez, jan de 17-18

tiragem infinita,

VÁRIOS COLABORADORES.

Capa: Arte em stencil. (Rômulo Ferreira)

criação de arte: Rômulo Ferreira

ONDE ENCONTRAR MAIS:

Ruas da Cidade, Sala Cecília Meireles (Lapa),
via Carta, com os participantes, Sarau AMEPOE3MA,

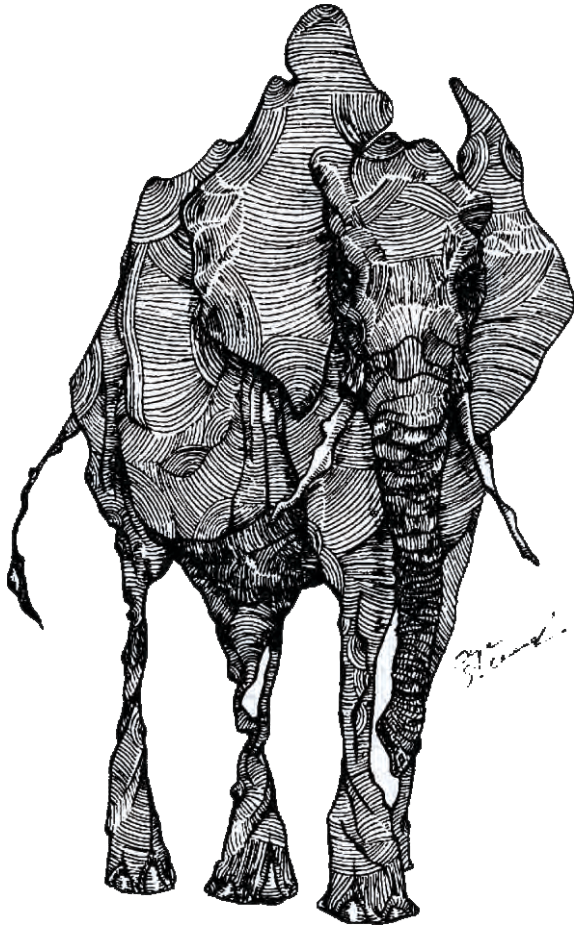
...

investimento: valor indefinido|| 0800 em formato e-book



Rômulo Ferreira

NESTA Eduardo Sacramento
EDIÇÃO Paulo Victor Azevedo
NOVA Matheus Matheus
BARROSO Mariana de Lima
NOVA Rômulo Ferreira
INCED Drummond
CRE Ítalo Lima
SUPLEMENTO Dy Eiterer
Hudson Pereira Marcos Faunner
Alexandre Mendes Brasil Barreto
Germano Gonçalves Santos.
Lótus Flor De Taila Gabriela Luz
ARTE Fábio da Silva Barbosa
Trilha Sonora desta edição: **tantão e os fita**
www.facebook.com/tantaoeosfita



Aquilo que parecia farpa
Era Marfim
Cravado na pele de Leão
Exposto aliviando a dor da perda
Viver de realidade composta
Pelo passado não esquecido
Sentido
E na selva de pedra, tudo o que queria
era não acordar.

Poema: **Bárbara Barroso**
ilustra: **INKED**.sketchbook

Não me levo a sério.
(D)Espertando,
Parti prum asseio com meia maçã.
Toco fogo num incenso prá espantar os noturnos vampiros
Querendo um desjejum de Coca-Cola e cogumelos.

Não deixarei esse mês me ensimêsmar!
Revirarei as tripas do ouvido
Contra as fiadas do bar, da mãe e do patrão.
Hoje inauguro uma arcádia de malditos
com um selete jardim epicurista!

Eduardo Sacramento
sacramento.eduardo74@yahoo.com

PESAR NATURAL

Germano Gonçalves

Assassino incerto,
Pagar pelos restos.
Imortal animal.
Inseto.
Minhoca e borboleta.
Mosca e barata.
Lagartixa e, tatu bola.
Pernilongo.
Tudo fica em pune.
Vaga-lume.

BATOM VERMELHO Dy Eiterer - [facebook.com/EdylaneEiterer](https://www.facebook.com/EdylaneEiterer)

Onde estão os beijos? Ficaram tão desbotados desde a última vez...Eu me lembro do vivo do batom vermelho, marcando sua pele, morrendo nos lábios, saciando vontades, uma sede que vinha de longe.Eu me lembro do gosto das palavras impressas no meu corpo pelo seu corpo. Da leitura em braile feita pela ponta da língua, de onde suas palavras moravam e, ao conhecer meu corpo, lhe abandonaram, adotando meu seio como morada.Eu me lembro de ser pouco mais que raios ou sóis, lampejos nos seus olhos breus. Rebrilhavam cores. E eu me desfazia com os beijos, como um suspiro no céu da boca.Eu me lembro de estar perdida entre o céu e a terra, de ser algo como a água, queda livre, tempestades, pouca paz, muito querer. Mas passou.Pousou um mim o lânguido esquecimento, secou-se a alegria de recebê-lo em meu ventre... E onde estão os beijos que choviam gratuitos? Guardados em poças mudas? No canto de sua boca que não sorri ou estacionaram em guarda-chuvas que me cobrem e impedem que eu me banhe de amor?Onde estão os beijos? Ainda estou perdida a procurá-los. Ainda tenho batom vermelho e o desejo de usá-lo.

Sinhá Olímpia

Olympia Angélica de Almeida Cotta, (Santa Rita Durão, distrito de Mariana, 1889 — Ouro Preto, 1976), mais conhecida como Sinhá Olímpia, foi uma notória habitante da cidade histórica brasileira de Ouro Preto que circulava pelas ruas contando histórias, pelas quais pedia algum dinheiro em troca. Foi considerada por Rita Lee a primeira hippie do Brasil e transformou-se em musa de Carlos Drummond de Andrade e de Milton Nascimento. Atualmente Sinhá Olímpia é referência para inúmeros locais de Ouro Preto, Mariana e região, como escolas de samba, pousadas e restaurantes.

Filha de pai rico, Sinhá Olympia apaixonou-se na juventude por um farmacêutico pobre e foi proibida de viver o romance. Contam até que o rapaz, pouco tempo depois, faleceu de tristeza. Daí o motivo de sua loucura. Costumava usar vestimenta do século XVIII, chapéus extravagantes e cajado na mão, tinha por hábito contar histórias de outros tempos como se as tivesse vivido, como por exemplo o fato de ter convivido com o alferes Joaquim José e que era amada pelo poeta revolucionário Cláudio Manoel da Costa. As pessoas que lhe eram mais chegadas era comum que pedisse, entre um conto e outro, uma dose de pinga. Em 1990, sua história virou samba-enredo da Escola Estação Primeira de Mangueira. Em sua casa hoje funciona a Cachaçaria Milagre de Minas.



AZUIS

Me embrenho nos cortiços
levando minhas vogais
nas algibeira de versos.

Ainda me atraem
esses azuis tonais
que nas tardes se fazem

Sigo escrevendo
com os dedos,
nas costas
dos rochedos.

E quando o giz de caulim
não é eficaz,
risco no ar as memórias
desse tempo
que se fez voraz.

Brasil Barreto

PARA TODAS AS MULHERES QUE UM DIA FORAM ABANDONADAS POR UM ATRASO

Ítalo Lima

italo_ccl@hotmail.com

Minha menstruação atrasou! Você terminou o namoro e
minha menstruação atrasou. Limpo o chão da casa suja de
vômito, pois minha menstruação atrasou. O telefone toca e
eu corro em desespero, mas era apenas uma mensagem
eletrônica lembrando que minha menstruação atrasou!
Tropeço com velhas lembranças espalhadas no quarto e
grito nua frente ao espelho que minha menstruação
atrasou. Não consigo me masturbar porque insisto em
lembrar que minha menstruação atrasou. Olho para o teto
e vejo assustada que alguém escreveu no forro de gesso
que a minha menstruação atrasou. Adormeci lembrando
do nosso sexo e da sua pica roçando minha orelha no
breu fundo do libido, foi a primeira vez que um homem me
fez gozar contando segredos no ouvido e teus dedos
fundos tocavam em transe minha garganta no mesmo
instante que dois asteroides se chocavam famintos na
constelação de andrômeda. O som do meu gemido audível
em Marte também fez você gozar depressa dentro meu
útero-afeto. Acordei arrependida, quase úmida, lembrando
aos choros que você me abandonou somente porque
descobrimos juntos que minha menstruação atrasou.

Azi

Alexandre Humberto Andrei

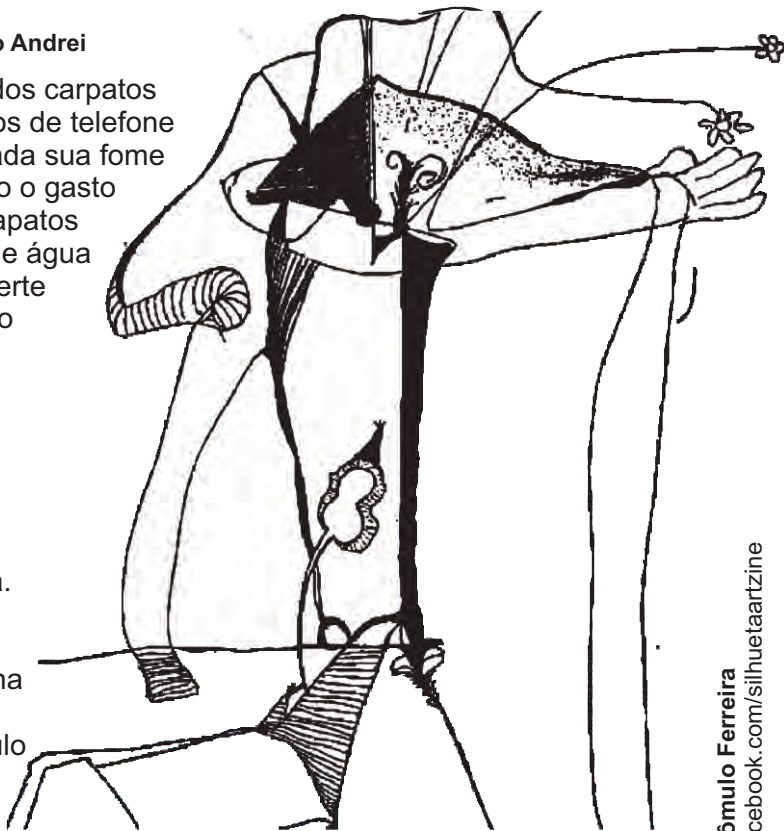
bem-vinda noite: desço portanto a outra esarpa dos carpatos
por pedras e reticencias através do condão dos fios de telefone
a noticia banal sendo a única que resta a ter saciada sua fome
a voz dentro do pedaço diverso do dia substituindo o gasto

dos sapatos
um rio de montanha uma clepsidra onde em vez de água
é a vida que se verte
pedaço de uma lingua não-falada e que no entanto
se compreende

a saudade que afasta tanto mais que aperte
um cabo leva à campainha e reproduz um
microfone e alguém atende

antes de nós, a este sonho em que se cresce
tornando-se pequenos, sonhou Alice
em que tudo que assoma importância
é na verdade de somenos e aritmética.
e ao contrário se estamos acordados

e não nos distrai a métrica
qualquer agrônomo diria que a semente só germina
além da arvore
toda historiadora confirmaria que balança o pêndulo
mas não é o mecanismo um cárcere
as masmorras de que fugimos não deveriam nos
condenar, depois de velhos, à velhice



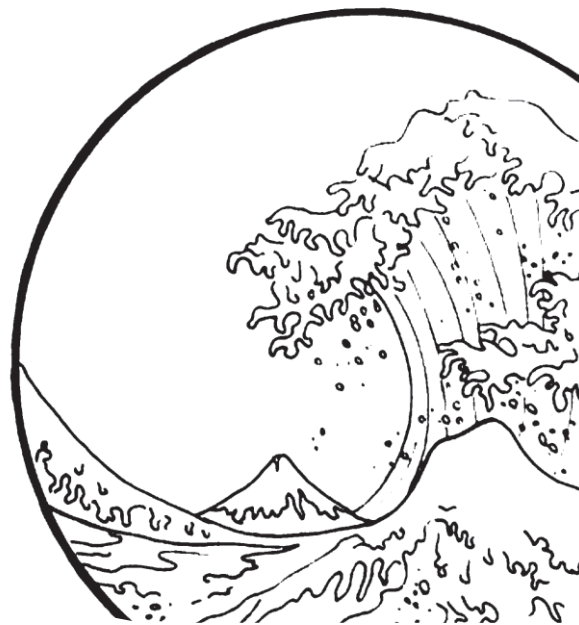
Tenho pesadelos, por viver em um mundo em chamas.
Onde cada dia de sobrevivida pesa como todos, entregues à lama.
E a cada passo, o cadafalso é um compasso em frente às câmeras.
Espetáculo é o triste oráculo que mente e oculta o que nos encanta.

Tenho sonhos tristes, por viver em meio à infâmia,
Por ter cogitado grandes verdades que se esvaem na bruma.
Por viver num mundo onde não se ama a quem se ama,
E ao deitar-se as noites é o peso do dia que se desengana.

Tormentos noturnos me assolam,
Quando desfaleço sob o sol que nos venera,
Quando o frio da noite erma me devora.

E tento pensar que não sou noite,
Mas que também não amanheço.
O dia vem e vou embora.
Começamos do começo...

Castor Azevedo
[facebook.com/pvictorazevedo](https://www.facebook.com/pvictorazevedo)



Adoro a noite. Ela é fresca e tem um tipo de iluminação que brilha aos olhos. É difícil fotografar a noite, tem algo que é dourado que só consegue ser captado pelos olhos, ou por pessoas que dominam as lentes. É um imenso prazer caminhar durante a noite, sentir o frescor na pele, ver os lugares que explodiam em fervor humano durante o dia vazios, respirando como eu.

Quando estava na escola costumava trocar os dias pelas noites no período de férias, hoje a uma da manhã minhas pálpebras pesam sobre os olhos, meus afazeres pesam sobre os meus desejos.

A noite, apesar de linda, é ambígua para mim. Sempre ouvi sobre a noite ser perigosa, sobre coisas obscuras acontecerem na rua enquanto as pessoas direitas estão dentro de casa deitadas em suas camas, sentadas às suas mesas assistindo a novela das oito. Realmente, deixamos de habitar os centros das cidades durante a noite, eles se tornaram o que são por isso.

Passo por lá e sinto um misto de emoções. Uma leve ansiedade toma conta do meu corpo enquanto dou passos o mais largos e rápidos que posso. Tenho medo do que pode acontecer enquanto estou ali sozinha, ao mesmo tempo sinto o vento fresco passar debaixo das minhas axilas, uma das pequenas sensações da vida que me agradam. Controlo minha mania de morder o lábio, não quero que pensem que estou me insinuando, me arrependo de ter ido à aula de short jeans, me arrependo de ter escolhido estudar no centro da cidade em um curso noturno, pergunto a Deus porque nasci mulher. Por uns trezentos ou quatrocentos metros estou sendo atacada pelo machismo que habita minha mente, pelo histórico de violência e feminicídio do nosso país.

Entro na estação de trem, estou salva. Percebo a largura do corredor que leva os viajantes às catracas, está relativamente vazio, poucos circulam, diferente da manhã ou do fim de tarde em que se instaura o burburinho, as esbarradas sem pedidos de desculpas, os telefonemas, a pressa, o saque no caixa eletrônico. Mas sempre é quente na estação, sempre.

Durante a noite o espaço de tempo entre uma partida e outra é maior, prolongo meu tempo de leitura, fico feliz, perco o ônibus, fico entediada. A oscilação de humor que o transporte público cria deveria ser estudada. O trem faz parte do meu dia, sempre procuro observar as vistas, os movimentos que o carro faz, as pessoas que viajam. Imagino a vida delas às vezes, tenho pena dos que visivelmente batalham muito por pouco. Sinto um aperto no peito por não fazer nada para mudar o mundo. Volto a ter doze anos, naquela época eu ia ser uma pessoa muito importante, hoje acho importante alguém que consegue fazer algo real para ajudar outra pessoa que passa por uma situação difícil ou complexa, os demais feitos são belos. É mentira. Eu não penso isso, só estou indignada. Na verdade acho que cada coisa tem sua importância no mundo. Somos complementares, cada área do conhecimento, cada função é importante para o desenvolvimento do ser humano. Seríamos um mecanismo perfeito se não tivéssemos nossas podridões.



texto e foto:
Gabriela Luz

[facebook.com/flordelouis](https://www.facebook.com/flordelouis)

Eros desfalecido
Tua carne persiste
Adentro às falas
Formigas engenhosas carregam folhas verdes;
Ponteiros dançam lentamente fazendo hora
Signos permeiam o astral
Paraíso das sutis formas

Sequência de Sonhos
Silenciosos...

Lótus Flor De Taila
[facebook.com/morena.m.estacio](https://www.facebook.com/morena.m.estacio)



[nostalgia]

goteja num copo esquecido à janela
na eterna indecisão de ser lodo ou água limpa
assim, noto a tempestade
enquanto no clímax de um intempestivo inferno astral
alguém carrega uma vela sem deixar que a chama se apague...
num estado delirante de consciência
se alcança a paranóica demência divina
a loucura é uma virtude
e os sonhos deitam nus no tapete da realidade:
verdade e liberdade se confrontam e se anulam
deslizando na penumbra quase palpável de um céu sem estrelas
(que vasta desolação...)

não acredito em quem nunca bebeu uma xícara de cólera
e não morreu de amor ou solidão.

Gabriella Casa Nova
[facebook.com/gabi.casanova.7](https://www.facebook.com/gabi.casanova.7)

O ESCRITOR FANTASMA

Hudson Pereira
facebook.com/hudsonstyle1

Como qualquer homem, é feito de carne, osso e medos. Mas não como todos, deu pra esse lance de escrever, e ainda atreveu-se, a poetizar. No momento é um escritor fantasma. Mas não um ghostwriter desses que escrevem best-sellers sob encomenda. Ao contrário, nada ganha com sua obra e seu trabalho, medíocre, nada tem a ver com literatura.

Atualmente vive um hiato, morto segundo Clarice, mas já foi bem dedicado; escreveu uns poucos bons poemas e vários outros ruins, mas todos sinceros. Encara a xícara de café morno e se pergunta onde foi que algo morreu. Onde morreu a inspiração, onde morreu a disposição, onde morreu a ambição de escrever sobre tudo o que acontece no intervalo entre um fôlego e outro.

Encara também a velha máquina de escrever. Ele é um homem de seu tempo e conhece notebooks, iphones e wi-fis. Escreve à máquina apenas por fetiche, é mais bonito pra quem vê de fora. Lembra do barulho das teclas, o seu favorito, que de certa forma lembra o da chuva.

“O vazio me ameaça.” escreve. “ameaça”, “a-me-a-ça”. Essa palavra que o perseguiu a semana inteira e que vazio é esse? Essa sensação de tudo estar oco. Como pode o vazio ameaçá-lo, se é ele próprio o vazio? Ele, que há tempos deixou de ter alguma consistência, alguma substância. Ele que perdeu o tato, o paladar. Suspeita inclusive que corra álcool em suas veias. A poesia que um dia transbordava, pulou fora dali. O vazio que tanto o ameaça é essa falta, ele não estava preparado para isso.

Às vezes, não muito raramente, pensa em pôr fim à carreira e quando isso acontece, bebe. Também bebe para molhar a garganta desértica e infértil pela escassez das palavras. É um fantasma, mesmo sendo feito de matéria, mesmo tendo ar nos pulmões. É um fantasma porque não exerce o seu fardo que é escrever.



A quem quiser falar à beça: aprender a escutar me interessa. Muito tenho falado ultimamente. Quase tanto quanto tenho sido interrompido. “Tenho tido” a sensação de não “estar sendo” escutado. O que eu digo não interessa? Então tá? Falo através da boca de outrem. Eu prefiro ouvir até, gosto de contemplar. Com minha retina gosto de filmar gestos, gostos, lábias de lábios – quem chega de surpresa, sempre é ovo retinto prestes a se partir e revelar filhote melado de vida ou de morte. Não precisa falar alto, tem microfone. Acho que ainda não estou tão surdo apesar da idade. A gente vai editar – mas fica mais interessante se esta parte entrar. Fala, pode falar sobre o que você quiser. Agente edita – mentira! A gente te escuta.

VENDO ESCUTANDO

Para Eduardo Coutinho

Matheus Matheus

www.junkiesvilipendiados.blogspot.com

Ilustração: intervenção digital
sobre cartaz do Filme “Últimas Conversas”



Que tragédia é essa que cai sobre todos nós? | 995zines Rômulo Ferreira

Meu primeiro contato com um fanzine se deu lá por volta de 1995... Eu era muito jovem. Eu gostava de uns sons meio estranhos... Adorava de forma linda “Legião Urbana”.

Estava começando a conhecer o “punk rock” de leve... Tudo isso em fita cassete com os encartes xerocados e “instalados” de forma que quando se abrissem se tornavam belos livretos...

Um dia, depois de um ensaio de uma daquelas bandas fadadas ao anonimato (por motivos muitos...), vi na casa de um amigo uns papéis com uns escritos de maneira desordenada e tudo muito lindo, Aquilo me atraiu de imediato... ||||| Um monte de frases soltas e que me faziam total sentido... Eu poderia facilmente dizer qualquer uma deles e me sentir “o rei em minha casca de nós”. ||||| Eu acho que me descobri “punk fuleragem” nesse exato momento; porém nunca me arrependi do que esta pedra em meu caminho fez com minhas retinas ainda virgens ao mundo de verdade... ||||| Isso tudo se deu lá em Ouro Preto, interior meio metido a besta de Minas Gérias.

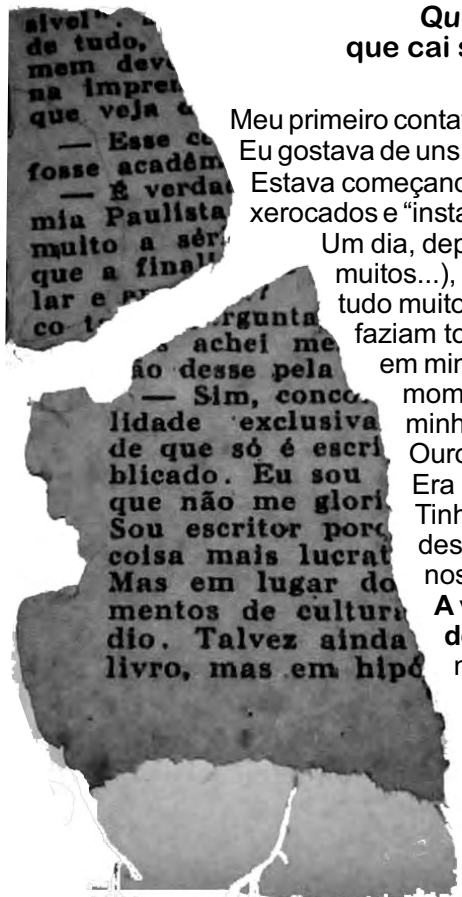
Era tudo tão novo. ||||| A “cena” era toda unida... Tinha gente de tudo que é tipo... Tinha até gente que num tinha paralelo nenhum com nada disso que eu estava descobrindo, mas mesmo assim a gente sempre trocava algo muito valioso pro nosso futuro: CAMARADAGEM!

A vida era um universo que eu estava orbitando a esmo. Eu cheguei a gostar de viver... De verdade! ||||| Daí a coisa desandou... Peguei as “infos” com o meu amigo e seguindo o impulso adolescente, cheio de curiosidade, peguei papel e caneta e escrevi uma carta para o cara (editor) do ZINE em questão (claro que não vou me lembrar de quem era). ||||| Passou-se cerca de uma semana e foi então que eu recebi um pacote com muito mais coisas.

Putaquepariu.

Eu pirei, chegou um pacotinho cheio de zines e mais e mais endereços. Devorei tudo sentado na sala de casa mesmo, impressionado com o mundo novo que se abria ali pra mim junto com aquele envelope.

Eu num tinha grana para nada (!), porém precisava ter... Inventei de ter um



trabalho pra poder comprar fitas K7 e zines... Isso de comprar não durou muito, em pouco eu já estava trocando cartas com gente do país todo. À medida que iam chegando materiais independentes (**zines** e sons) eu ia distribuindo.

Chegou uma hora que o carteiro já ate me entregava as cartas e trocava bons papos comigo.

Os anos nunca deixam de passar e comigo num foi diferente, eu trabalhava legal e estudava. Minha mãe tinha até orgulho de mim...

Até que comecei o ensino médio...

Conheci os gestos malandros e as facilidades que este tipo de ensino aberto me deu, em pouco tempo eu arranjei um modo de ganhar umas cópias dos meus professores no CEFET... Escrevia, desenhava umas coisas legais nos zines para eles ... Zoava muito também.

E neste momento eu já tinha certo em minha mente o que eu queria ser quando saísse daquela porra toda: "**ZINEIRO**".

Anos 2000, o mundo não acabou... "Cólera" comendo na alta no meu "micro system" duplo deck e numa noite do frio inverno de Ouro Preto; comecei meu primeiro **zine** sozinho... Ele se chama "**Descontemplados Zine**".

Aquilo me fez um bem danado tirei muitos pesos e me entendia como ser social em cada nova edição que saia. Depois veio o "**Kuolema Zine**" (onde eu tentava organizar um pouco do caos dos anos anteriores em poemas e xilogravuras). Veio o "**Silhueta Art Zine**", o "**AMEOPOEMA**", o "**Suplemento Acre**"... E um monte de outros sem ritmo ou periodicidade.

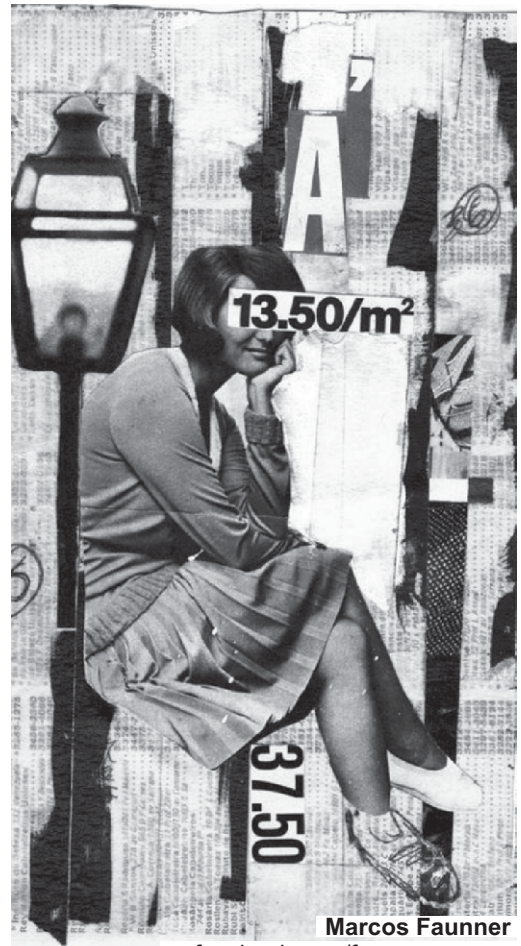
Tem muita coisa para dizer sobre isso, muita ideia para organizar, muita data para lembrar... se quiser ver uns zines e conhecer mais sobre **zines**; procure por "zines" no *google*; tem também uns livros bem fodas para ler sobre o assunto, filmes, documentários, mostras, etc...

Crie! Você entenderá muito mais sobre zines fazendo um.

ACESSE TAMBÉM: [FB.COM/SILHUETAARTZINE](https://www.facebook.com/silhuetaartzine)



Rômulo Ferreira
[facebook.com/romulo.pherreira](https://www.facebook.com/romulo.pherreira)



Marcos Faunner
[facebook.com/faunnermarcos](https://www.facebook.com/faunnermarcos)

Poema sem Título

Santos.

facebook.com/camivi

Hoje a minha alegria é doída
Dias de apatia
A pedra repousa tranquila
O mar não
Segue se debatendo sobre os rochedos
Buscando furar a barreira
Não se sabe de quê
Nem até quando
Em dias de apatia
Qualquer alegria se faz desengano
E essa rima pobre
Pobre de mim
Pobre do mundo
Quando se tem o peso da vida nas costas
Qualquer dor dura apenas um segundo
Se enganam aqueles que acreditam
Que não sentir é curar-se do furo
Tudo que sobra
Tudo que escapa
Resvalece na superfície do grande muro
Que cessem os sons
Cessem vogais!
Tudo que quero hoje é dizer
Fugir à minha sina de
Rimar para não morrer
Mais um poema barato
Mais uma vida singela
Nunca avisaram que seria assim
Hoje em mim
A vida não reverbera

foto: Mariana de Lima
fb.com/marianadelimaf
Colagem sobre foto:
Rômulo Ferreira



Reza a lenda que foi mais ou menos assim: depois de passarem o dia subindo e descendo ladeiras, tropicando em capistranas escorregadias e parando para observar passarinhos e folhagens, altares e oratórios, os dois burocratas enfim chegam ao restaurante do Hotel Tóffolo, situado na rua São José, 72, uma das poucas casas de pouso da Ouro Preto de meados dos anos 1940. Estavam esgotados e, além disso, preocupados com o que viram: parte do barroco mineiro, se nada fosse feito, estaria com os dias contados.

Com pesar, um dos funcionários, Manuel Bandeira, membro do conselho consultivo do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPAHN), constatava que a antiga Vila Rica era toda “cinza e desgosto”. Também aflito, seu companheiro de versos, carimbos e circulares, Carlos Drummond de Andrade temia que os muros brancos que tudo viram e reviram caíssem não só no esquecimento, mas literalmente. A questão a ser resolvida naquela noite, contudo, era de ordem mais imediata: estavam, os dois modernistas, completamente famintos.

Mas sucedeu que um aspecto do passado que poucos gostariam de ver preservado – a conservação de carnes em gordura animal, uma vez que os refrigeradores ainda não eram acessíveis – impossibilitou a tão ansiada refeição dos poetas. Por não terem avisado com a antecedência devida que gostariam de cear ao hoteleiro, o italiano Olívio Tóffolo, restou o encabulado anúncio de que não haveria jantar.

Não há registros sobre a reação imediata dos dois, mas é de se supor que felizes eles não ficaram. Como Bandeira não estivesse em condições de reclamar – ele se hospedava num esquema de permuta, trocando exemplares de seu “Guia de Ouro Preto”, lançado em 1938 por encomenda do SPAHN, por uma cama no hotel –, coube a Drummond expressar o descontentamento da dupla.

Nascia ali o poema “Hotel Tóffolo”, publicado originalmente em 1951 no livro “Claro Enigma”:

**“E vieram dizer-nos que não havia jantar.
Como se não houvesse outras fomes e outros alimentos.
Como se a cidade não nos servisse o seu pão de nuvens.
Não, hoteleiro, nosso repasto é interior e só pretendemos a mesa.
Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras.
Tudo se come, tudo se comunica, tudo, no coração, é ceia.”**

CLARO ENIGMA
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE



POESIA E FOME

dos modernistas na preservação de Ouro Preto

Dois anos depois da Semana de Arte Moderna de 22, uma comitiva que contou, entre outros, com Oswald de Andrade, Tarsila de Amaral e Mario de Andrade percorreu algumas das cidades históricas de Minas naquela que ficou para a posteridade como a “viagem de redescoberta do Brasil”.

Ali, onde o barroco é à base do ouro e da pedra-sabão e não do mármore e do bronze europeus, os modernistas pareciam ter encontrado a identidade genuinamente nacional que buscavam. Logo depois da viagem, fundaram a Sociedade dos Amigos das Velhas Igrejas de Minas, grupo que influenciaria na formação do SPAHN, ao qual Drummond e Bandeira logo se vincularam. Após sucessivas trocas de nomes, a instituição chegou ao formato atual, tornando-se o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN.

O SPAHN tratava-se de um movimento amplo que congregava políticos, arquitetos de renome como o já citado Lúcio Costa, escritores e burocratas (encarnados muitas vezes na mesma figura), cujo objetivo era realizar um primeiro esforço institucional pela preservação do patrimônio e da memória histórica brasileira. Subordinado ao Ministério da Educação liderado pelo mineiro Gustavo Capanema, homem de confiança de Getúlio Vargas e amigo de Drummond, as diretrizes do SPAHN estavam afinadas também aos ideais nacionalizantes que perpassavam as políticas de Vargas, promovendo uma conveniente aproximação com os intelectuais da época.

Em parte por consequência da pressão exercida pelos modernistas ligados ao SPAHN, em 1938 Ouro Preto foi alçada à condição de patrimônio nacional, sendo tombada em todo o seu conjunto.





Embora as atividades mineradoras na região – que, como se viu no caso envolvendo a Samarco, arrasaram Bento Rodrigues, distrito vizinho de Ouro Preto – o tráfego intenso de carros e ônibus e um ou outro excesso estudantil continuem atentando contra as casas que ainda restam, Ouro Preto resiste. Se não é “a cidade que não mudou”, como queria Bandeira, ao menos não sofreu mudanças tão intrusivas quanto as que ameaçam parte do patrimônio histórico de Recife e do Rio de Janeiro, por exemplo.

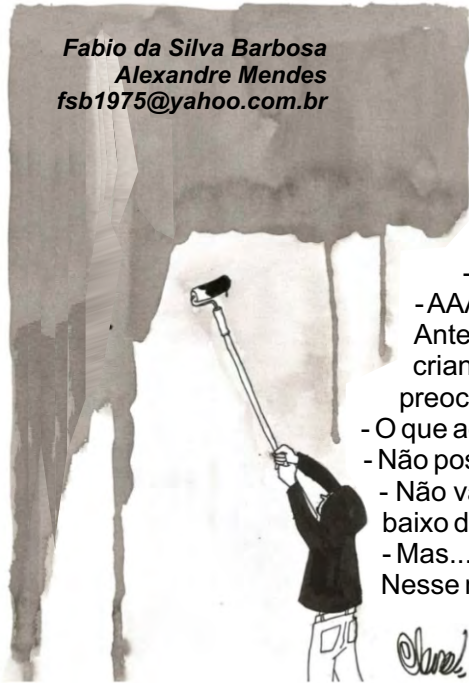
A outra cruzada de Bandeira e Drummond, em favor da satisfação de seus apetites, também não foi em vão. Gracinda afirma que tempos depois do incidente que os deixou a ponto de comer as mesas do Tóffolo, os poetas puderam coordenar a cozinha do hotel para que ela preparasse o prato perfeito: juntando batata frita e mandioca (“só a antropofagia nos une!”), filé mignon e linguiça calabresa, sem esquecer da farta muçarela derretida em cima, nascia, é o que dizem, o “Véu da Noiva”, iguaria presente em 9 a cada 10 bares do Estado – o que, em se tratando de Minas Gerais, não é pouco

Leandro Aguiar
<http://riscafaca.com.br>

Ilustração:

Antônio dos Anjos

Fabio da Silva Barbosa
Alexandre Mendes
fsb1975@yahoo.com.br



Ele estava com as costas na parede. A calça pesava e a merda já escorria pela perna abaixo. A faca pressionava contra seu abdome e seu algoz sorria alucinado. Assim estava ele, já há três dias. Amarrado por cordas em nós de marinheiro, implorava por sua vida. O primeiro dia foi difícil acostumar com aquele hálito: Odor de almíscar com enxofre. Agora, o que o incomodava era o cheiro nauseabundo de sangue. O chão rubro refletia sua dor. Achava que ainda resistiria a duas ou três estocadas. Antes, o pênis e depois a faca. Não aguentava mais tamanha tortura.

- Eu tenho dinheiro! Pelo amor de deus... Me solta!

-AAAAAAAAAAAAHHHHH... – Respondia o algoz.

Antes de receber os últimos golpes, lembrou-se de sua mãe e dos tempos de criança. Lembrou-se do pai. Vomitou. Sua vista ficou turva. Seus pensamentos e preocupações foram ficando esquecidos. Tudo indo para o fundo de sua mente.

- O que achou do roteiro? – Perguntou o diretor.

- Não posso fazer esta merda. – Respondeu o ator.

- Não vai fazer? Tem certeza? – Retrucou o diretor puxando a peixeira que estava em baixo da escrivaninha.

- Mas... você não pode agir assim... O que é isso? Tá maluco?

Nesse momento, o diretor olha para cima e grita:

- Que liguem as câmeras... O filme vai começar!

Sete anões vestindo biquíni fio dental saem dos cantos da sala. Cada um portava um canivete nas mãos e deram várias estocadas nas pernas do ator, que caiu atordoado.

- Luzes! câmeras! Não percam um detalhe da cena. – Ralhava o diretor enquanto riscava a peixeira no ar.

O cu... O brioco... Esse já estava da largura de um mergulhão.

A cena foi interrompida e passaram para outro set. Lá, um gigante negro o esperava com o cassetete em chamas. Mas o gigante teve vontade de mijar.

- Não posso dirigir esta merda. – Disse o diretor jogando o roteiro sobre a mesa. – Tenho uma ideia melhor: Façamos um filme sobre um alienígena que chega a Terra e fica amigo das crianças.

O diretor tira a máscara e se revela: Era o Sidney Magal. E todos foram dançar lambada felizes para sempre.

poema



Eu nunca sei sobre o tempo que eu perdi
(Mesmo estando sobre ele...)
Eu nunca sei sobre meus sonhos estranhos
(Mesmo sendo recorrentes...)



Saio do meu corpo diversas vezes
E me sinto em mim o tempo todo que estou fora...
Normal isso...É papo de esoterismo e afins.

Parei... Olhei-me (bem) ao fundo e vi meus pés
flutuando num mar de terra molhada
em lágrimas escandalosas que sempre derramo
pelas escadas em que me deito fingindo dormir.

Sou um podre ator brincando de viver
Sou uma pedra que se derrete com o vento lento dos anos
Uma fãisca de fuga
Um dia mal corrido.

Lembro de meus passos,
correndo atrás do que eu nem mesmo notava...
Imagine o sol que me queimou as costas...
Imagine as cores que eu vi
no momento máximo de desespero...
Foda-se suas palmas ou vaias...
Foda-se o seu toque diferente...
Se fode com tudo que te lembra de que eu sou um merda...

Eu só quero meu chão de possibilidades de volta

Quero meu sorriso de volta...
Os sonhos...
Os que nem sonho
Os que nem sei
Os que mato comigo mesmo
Nesta casa sem meus espelhos.



outras capas



O **Suplemento Acre** é uma publicação independente (fanzine) que sobrevive às custas de contribuições livres ofertadas por pessoas que acreditam na arte e na sua livre circulação. Tiragem inicial: 500 exemplares na praça | capa em papel kraft. Fontes diversas | ilustrações cedidas por seus autores... Obrigado a todo mundo que acredita na proposta. **TRABALHO ARTESANAL || MONTADO E EDITADO EM CASA.**



edições anteriores (grátis) em: slideshare.net/romulopherreira



edições anteriores (impresa) 20 pratas cada: eh a forma que temos que financiar novas edições e pagar as contas (luz+água+net+papel+

outrasdimensoes@gmail.com |||||

fb.com/ameopoema |||||

Banco do Brasil
Ag. 0473-1
conta pop. 16197-7

LIVRE
con
tri
bui
ção



PRÓXIMA
EDIÇÃO
Março 2018